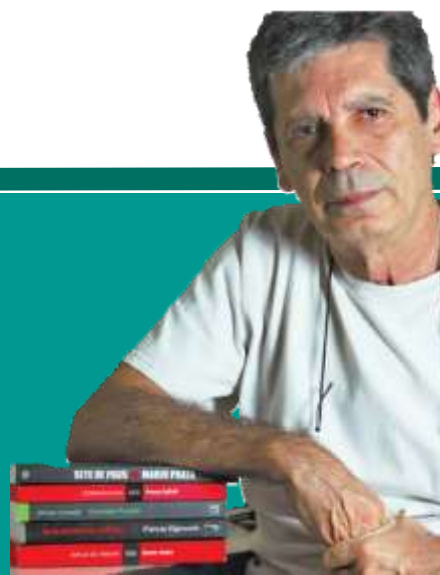


Alternativo

alternativo@mirante.com.br

O ESTADO DO MARANHÃO · São Luís, 4 de outubro de 2013 - sexta-feira

Mário Prata é um dos convidados da Feira do Livro de São Lus



Fotos/Divulgação/Ayrton Valle

Fé, asas e dúvidas no palco

Premiado pela Fundação Nacional das Artes, o espetáculo *Velhos caem do céu como canivetes*, da Pequena Companhia de Teatro, estreia hoje na sede do grupo



O ator Jorge Choairy em cena como o Ser Alado

André Lisboa
Da equipe de O Estado

Em meio às sombras, um ser alado cai em um quintal cercado por lixo. A cena ilumina-se e um homem observa por trás de pilares de lixo, desconfiando da imagem que entra pela retina, dos gemidos que ferem abruptamente o silêncio da noite e os ouvidos. A fé nasceria como a última espera antes da entrega completa à miséria? Ou a verdadeira agonia da fome em delírio? Assim poderá se perguntar o espectador que for hoje à estreia do espetáculo *Velhos caem do céu como canivetes*, da Pequena Companhia de Teatro, que marca a inauguração da sala teatral na nova sede do grupo, na Rua do Giz.

Dois anos depois da primeira apresentação da peça *Pai & Filho*, que circulou por mais de 15 estados no Brasil e se tornou o espetáculo maranhense mais apresentado das últimas décadas, com mais de 100 sessões, a Pequena Companhia de Teatro arrisca-se. “Um mergulho em dire-

ção à provocação que deve ser a obra de arte”, responde o diretor de teatro ao tentar explicar a densidade da nova montagem.

Se em *Pai & Filho* o argumento do diálogo desenrola-se em uma relação de poder entre um pai autoritário e um filho submisso, nas contradições entre as aparências, nos dilemas da vida grupal de porcos-espinhos, em *Velhos caem do céu como canivetes*, da ordem dos discursos e suas disputas, a história tem dezenas de tentáculos interpretativos. As duas obras foram contempladas pelo Prêmio Myriam Muniz, oferecido pela Fundação Nacional das Artes (Funarte), ligada ao Ministério da Cultura.

Por isso, assumem a tarefa Marcelo Flecha e os atores Jorge Choairy e Cláudio Marconcine atraídos pelo desafio da arte como processo expressivo de ininterrupta descoberta, caracterizada pela inquietude de não se prender a modelos fixos. Correm o risco de ser engolidos pelas sombras que permeiam o mundo da linguagem.

Pai & Filho fixa-se na briga pela palavra, quem tem a ordem

para construir a história. Agora, a arena da disputa dos personagens – ser alado e ser humano – é a própria palavra. A descoberta do mundo, a identificação e autoidentificação cercam os dois homens no palco que se interpelam, se desconhecem ou fingem não se conhecer. A possibilidade do conhecimento fica por trás de um questionamento sobre a fé, sobre a formação de uma sociedade sem destino ou planos. É o ser alado quem exclama: “Tive fé, tenho asas, terei esperança!”.

A indeterminação está na base até mesmo do cenário – um grande lixo, cercado por bugigangas inúteis criadas pelo homem para se adaptar ou para passar o tempo ou para fugir ou para se justificar etc. Objetos de artes de conceitos complexos e estética aberrantes. “Era importante pensar um espaço caótico, porém com o mínimo de harmonia, o que foi muito mais penoso, porque eu funciono lentamente. Jorge e Cláudio não puderam me ajudar, porque os papéis foram muito difíceis, o texto mais complexo”, explicou o diretor.

Cenografia –A inspiração do mundo da obscuridade da peça pode ser associada ainda a inquietação das sombras que se forma ao fundo de cada cena do espetáculo – acompanhado por *O Estado* em uma das passagens prévias à estreia. As asas da fé surgem como prolongamento das sombras de cada pena depositada a cada dia paulatinamente na parede da vida.

Quem é o ser alado que insiste em se manter esperançoso e se sente exilado, extirpado do mundo de seus irmãos, longe do criador? A luz de *Velhos caem do céu como canivetes* é mantida acessa pelo ser humano que queima numa fogueira a lenha santa de crucifixos. O mesmo homem que desmonta altares para manter a claridade do ambiente, cria para si outros objetos curiosos como um “tonteador” – roda com eixo central sobre qual o ser humano gira em torno de si para ficar duplamente tonto.

Marcelo Flecha invoca metáforas, alegorias e arquétipos – como a lenda do duplo – para a livre adaptação do texto *Un señor*

muy viejo con alas enormes, do escritor colombiano Gabriel García Márquez.

Os elementos sonoros dialogam com as cenas, interagem com o conflito e jogo de palavras. Caixas de som fazem parte do cenário. São outras obras de artes questionáveis. A estética é outro ponto violado pela proposta de debate da Pequena Companhia de Teatro.

Se o debate é o fundamento instaurador da peça como obra de encenação, a característica embrionária do texto dramático notadamente é o humor alcançado pela ironia fina, pela provocação sutil. Para negar amenizar o peso das cenas, a reflexão filosófica, Marcelo Flecha joga com o ridículo. Reduz o peso da miséria e da desesperança com a leveza da palavra sarcástica.

Em *Velhos caem do céu como canivetes*, o espectador deve se concentrar para não se prender a apenas a uma das diversas camadas de leituras e, manter os olhos bem abertos para saber se velhos realmente caem do céu como canivetes ou se a cena se trata de uma mera sombra.

Quem é o ser alado: um anjo, um delírio ou uma galinha às vésperas da morte para saciar? Para se certificar, a primeira chamada será às 19h45.

Serviço

- **O quê**
Espetáculo/teatro *Velhos caem do céu como canivetes*, da Pequena Companhia de Teatro
- **Onde**
Sede da Pequena Companhia de Teatro (Rua do Giz, 295)
- **Quando**
Hoje (4), amanhã (5) e domingo (6), às 20h
- **Entrada gratuita**

Ficha-técnica

Direção e encenação: Marcelo Flecha
Elenco: Jorge Choairy e Cláudio Marconcine
Produção: Kátia Lopes